

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA – DIRECTOR'S CUT
27 de Abril e 2 de Maio de 2023

STAGING DEATH / 2022

Um filme de Jan Soldat

Realização e Montagem: Jan Soldat

Produtor: Jan Soldat / Cópia: digital, cor e preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 8 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

RAGTAG / 2022

Um filme de Giuseppe Boccassini

Realização e Montagem: Giuseppe Boccassini

Produtor: Giuseppe Boccassini / Cópia: digital, cor e preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 84 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Com a presença de Giuseppe Boccassini na sessão de dia 2.

História(s) do cinema, em sentido lato: quer **Staging Death** quer **Ragtag** são filmes obcecados com a imagem cinematográfica e, sobretudo o segundo, com a sua maleabilidade. Um gesto canibal, de certa forma, muito característico de um modelo moderno (que terá sido, de facto, inaugurado por JLG) de relação produtiva com as imagens do cinema: os filmes do passado, as obras acabadas, já não são um “fim” mas um “princípio”, ou uma infinita possibilidade de princípios.

Staging Death tem um objecto preciso. Ou um sujeito: Udo Kier (n. 1944), o actor alemão que desde os anos 60 até hoje (quando continua plenamente activo) andou por toda a espécie de filmes, das vanguardas mais marginais às séries B (ou Z...) mais obscuras, dos filmes dos mais célebres “auteurs” aos mais banais filmes de “indústria”. A sua enorme filmografia é daquelas que, exibidas na íntegra e em continuidade, contariam uma história (talvez não *a* história, mas *uma* história) do cinema nas últimas décadas. A essa história extrai Jan Soldat, no seu curto filme, uma história mais balizada: a história das mortes de Udo Kier, das mortes “em cena”, bem entendido. Ao longo da sua extensa carreira (mais de 350 títulos), Udo Kier “morreu” muitas vezes, e das formas mais rebuscadas – “os realizadores andam sempre a pensar em novas maneiras de me matar”, e “a dado ponto, alguém devia fazer uma montagem com as minhas mortes no cinema”, dizia ele numa entrevista de 1999. **Staging Death** é esse filme, uma celebração da “arte de morrer” que tem um Kier um dos maiores praticantes, através da compilação de uma vasta quantidade de cenas ou planos, vindos dos mais variados filmes e em montagem livremente associativa (nenhuma cronologia linear, por exemplo), em que ele se dedica a essa prática. Documento sobre Kier, torna-se também, por extensão, num documento sobre a morte no cinema – a única coisa que no cinema (de ficção, pelo menos) só pode existir enquanto pura representação.

Ragtag, de Giuseppe Boccassini, é outra coisa, com outro fôlego, que começa por impressionar exactamente por isso. São oitenta e quatro minutos inteiramente compostos por fragmentos de filmes extraídos àquilo a que chamamos o “cinema clássico americano” (embora haja alguns excertos, poucos, de filmes não americanos): a lista de filmes “canibalizados” por **Ragtag** aparece nos créditos finais (além de estar facilmente disponível na internet, para benefício do espectador que não tenha memória fotográfica para reter todos os títulos mencionados nesses “cartões” do fim: a lista tem oito páginas...), é de uma extensão absolutamente impressionante, e cobre, grosso modo, o período clássico – vai de 1912 (**The Musketeers of Pig Alley**, de Griffith, é o mais remoto dos filmes incluídos) a 1959, que é uma data possível de fechamento desse período. Não há filmes posteriores a esse ano, **Ragtag** é um exercício de compressão 1912-1959.

Dentro deste “corpus” Boccassini trabalha essencialmente o “film noir”, tanto na sua acepção mais canónica como nas suas imensas derivas, variações e zonas de fronteira com outros géneros. Nas notas escritas pelo realizador, como declaração de intenções, refere-se que “*o film noir é essencialmente uma forma de olhar o mundo, uma perspectiva da vida e da existência humanas que transcende géneros (...), um traço estético, tout court*”. Consequentemente, permite desenhar “*um retrato histórico extensivo da psique humana do século XX*”, e essa é a ambição de **Ragtag**.

Mas isso é, digamos, a teoria. Porque a prática é muito menos “fechada”, e nem sequer há qualquer espécie de comentário ou de marcação que conduza o olhar do espectador em determinada direcção. Estamos perfeitamente livres em **Ragtag**, que nada tem de didáctico, e há certamente mil formas de o apreciar, mil “sentidos” a extrair dele (ou, o que vai dar quase ao mesmo, nenhum “sentido”). Como filme sobre o cinema, e arrancado ao cinema, é um exercício que terá muitos parentescos mas encontra um maneira muito sua, muito idiossincrática, de interpretar esse “género” – e aliás, a sensação que dá é que o revitaliza. É como um labirinto, onde todos os corredores podem ir dar a todos os corredores mas em caso algum vão dar a uma “saída”. A forma de Boccassini pôr os filmes que cita em contacto uns com os outros (também se pode dizer que, aqui, todos os filmes vão dar a todos os filmes) é de uma criatividade incrível, seguindo um princípio de “raccord” livre, onde o contracampo de um plano de determinado filme pode ser um plano de outro filme, que por sua vez vai comunicar com um outro filme, e assim sucessiva e (quase) infinitamente (e sem falar na maneira como a montagem do som, o som que se corta ou o som que se prolonga, pode adensar esta “comunicação”). Se cada plano, arrancado o seu fluxo natural, se constitui como uma unidade narrativa, uma espécie de concentração de sentido, a organização sequencial reinventa-lhes tanto a “narrativa” como o “sentido”, ou passa essa responsabilidade (ou essa tentação, ou propensão, de ter, justamente, uma “narrativa” ou um “sentido”) ao espectador. Mas não é apenas o “raccord”, a ligação entre planos, que **Ragtag** trabalha: frequentemente, é o próprio interior (a própria íntegra) de cada plano que é reinventado, violentado, ameaçado de destruição ou de irrisão exactamente naquilo que tem de mais orgânico e, dir-se-ia, inextricável, a sua temporalidade, o seu ritmo, a sua ordem – as repetições, que funcionam muitas vezes por movimentos de recuo, avanço, novo recuo e novo avanço, lembram os gestos de um DJ que cria um som novo a partir da manipulação directa do disco (de um objecto, portanto) no prato à sua frente. **Ragtag** é *scratch, scratch, scratch*, do princípio ao fim (e mais uma vez chamamos a atenção para as consequências sonoras da manipulação de Boccassini: estamos concentrados na imagem, mas o que se passa na banda de som é, também, algo de absolutamente, notavelmente, intrigante).

Ou, muito mais simplesmente: um filme sobre a extraordinária e inesgotável *plasticidade* do cinema clássico.

Luís Miguel Oliveira